Os homens e os heróis no teatro de Alfonso Sastre

Castelhano, a viver no País Basco (em pequena localidade vizinha de Espanha), Alfonso Sastre—nome cimeiro do teatro espanhol—esteve recentemente no Porto. E falou, em exclusivo, para o "DN"

Paulo de Matos

Autor de peças como «Ana Kleiber», «Morte no Bairro», e «Lusitânia», em que o povo e os seus heróis se apresentam no espaço cénico, simultaneamente gigantescos e humildes numa dimensão verdadeiramente humana com gestos e palavras que muito têm a ver com todos nós, Alfonso Sastre esteve recentemente no Porto, onde participou no II Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica (FITEI 79). Dada a importância da obra daquele dramaturgo castelhano, não só na sua perspectiva artística, mas também na sua faceta de voz libertadora dos povos oprimidos pelo franquismo, impunha-se uma entrevista, que servia para a abordagem de temas como o presente e o futuro do teatro popular, a situação da arte de Talma no país vizinho, e a própria produção do nosso interlocutor.

Embora castelhano, Alfonso Sastre vive desde há algum tempo no País Basco, numa pequena localidade vizinha de Irun, junto à fronteira com a França. Antes, em 1976, conhecera as agruras do exílio na pátria de Molière, donde viria a ser expulso no ano seguinte. Também esteve preso em Carabanchel, onde lhe ocorreu um episódio curioso que descreveremos mais adiante, quando falarmos da peça «Abola no es de lei», aliás escrita naquele local.

O trágico é a tónica dominante das peças de Sastre, destacando-se a sua «última» produção, até 55, onde se inserem «Ana Kleiber», «Morte no Bairro», obras em que a tragédia aparece quase pura, embora excessivamente patética. Mas, conforme ele próprio nos diz, «isso era uma forma de exprimir a situação terrível da Espanha naquele tempo».

"Lutemos pelo internacionalismo cultural. Levantemos o nosso teatro tendo em conta o teatro dos outros." (Sastre)

Tragédia que faz rir

Posteriormente, nos anos 60, a evolução verificada na produção de Sastre não significa um abandono da tragédia, antes uma maneira de encarar, através da inclusão de elementos cómicos. É o caso de «Abola no es de lei», actualmente em cena em Madrid, pelo Teatro Gayo Vallecano.

O título da peça é a forma como um chinês diz a frase «Abora no es de reir». O enredo, passa-se em Cuba, na época do colonialismo espanhol. Na altura, existia naquela ilha uma colónia de semi-escravos chineses e para a execução das penas de morte só havia um verdugo permanentemente instalado em Havana. Como um chinês tivesse sido condenado à morte, em Santiago de Cuba, houve a necessidade de o transferir para a capital a fim de ser justiçado. Durante o trajecto, feito de comboio, o oriental escapa-se aos dois soldados que o escoltavam. Aqueles, aterrados perante a hipótese de aparecerem sem o preso, decidem-se a ir ao bairro chinês apanhar um desgraçado qualquer para ser entregue ao carrasco. Assim fazem. E o inocente morre sem que alguém dê pela troca.

Este é, em suma, o argumento da peça que, nas representações já efectuadas, tem provocado a maior das hilaridades nos espectadores.

Só que, como Sastre nos fez notar, a peça é extremamente trágica, pois trata da morte de um homem, ainda por cima, completamente inocente. Porque então o riso? Para o escritor castelhano, «tudo deriva do racismo, que está ainda imerso no inconsciente de muitos espanhóis e de outros naturais de países com passado colonial».

Como já o dissemos, «Abola no es de lei» foi escrita na prisão de Carabanchel, e lida a alguns presos políticos e de delito comum, num Lo de Maio. Na altura, um dos últimos esteve todo o tempo a rir-se, até que ao fim foi ter com o autor e disse-lhe: «Nunca mais te perdoo porque me fizeste rir muito. No final, sentei-me bastante envergonhado das minhas gargalhadas. Esta tem sido, com efeito, uma posição assumida pelas pessoas que já viram a peça.

Uma outra peça importante de Sastre, «Lusitânia», divide-se em duas partes denominadas «Guerrilha Lusitana» e «Numância». Na primeira, em que é descrita a acção de Viriato contra o Império Romano, o herói apresenta-se-nos não numa forma mítica mas «como um pastor ignorante e coxo, que sente medo, mas consegue aterrorizar os seus poderosos inimigos». E essa nova forma de mostrar o protagonista consegue — na opinião do dramaturgo — «provocar uma outra impressão na assistência e levá-la a pensar que, afinal, os seres heróicos são como os outros». A segunda parte representa o heroísmo colectivo da gente da localidade de Numância, cercada pelo Exército romano. Novamente, as pessoas apareceem com aspectos ridículos, ignorantes, mas perfeitamente humanas e identificáveis entre cada um de nós».

O tema do herói volta a aparecer em «O Camarada Obscuro», uma peça publicada na única revista espanhola de teatro, a «Pipirijaina», dirigida por Moses Pérez Coterillo. Aqui, o personagem principal é um comunista de base que reflecte todas as grandes linhas da política do PCE, também com bastantes aspectos cómicos servindo de cambiantes à acção dramática.

Neste momento, Sastre não está a escrever qualquer peça, mas foi publicado recentemente um volume com três originais seus: o já referido «Herói Obscuro», «Anacrasismo» (que, em basco, significa *liberdade*) e «Análise Espectral de Um Comando ao Serviço da Revolução Proletária», onde se conta a história de um grupo desinserido das massas como, por exemplo, as Brigadas Vermelhas, em Itália, e o grupo Badder Meinhoff, na RFA.

Teatro espanhol: situação má

Outra questão aflorada nesta conversa foi a situação do teatro em Espanha que, no entender de Sastre, está bastante mal, pior até do que antigamente. Com a actividade teatral centralizada em Madrid e Barcelona, o país vizinho é um grande deserto em termos de actividade cénica.

«No tempo do franquismo — diz-nos Sastre—, havia a opressão que catalisava os grupos. Isso desapareceu, e não foi substituído por um teatro de qualidades. No sector profissional, eclodiu a pornografia e o mau gosto, e os teatros nacionais, subvencionados, não têm apresentado nada de novo. Os autores espanhóis praticamente não são representados, com algumas excepções, e os mais jovens estão sempre as portas fechadas». No que respeita a publicações, o estado de coisas é idêntico, «pois a única colecção que havia de obras teatrais desapareceu e a própria «Pipirijaina» esteve sem ser editada durante bastante tempo».

Deste sombrio panorama salvam-se os grupos independentes, cujas enormes dificuldades não os impedem de ir lançando a semente do teatro por terras de Espanha. Mas, muitas vezes, seu entusiasmo não corresponde a qualidade desejável e isso conduz-nos a uma questão fundamental: Qual a melhor forma de se levar o teatro a toda a gente? Através de grupos liberrantes que apresentam, muitas vezes, o aspecto negativo atrás focado, ou de centros fixos que, por vezes, têm tendência a burocratizar-se? Esta questão propôs Sastre que fosse discutida durante o FITEI, a que ele não assistiu na totalidade, por motivos da sua vida.

E foi precisamente com um pequeno depoimento do autor castelhano sobre o Festival que terminou a entrevista. Sastre mostrou-se bastante entusiasmado com a realização do velho sonho de intercâmbio colectivo entre os povos da expressão ibérica que, até agora, não tinha passado de um anseio quase secretado em contactos pessoais. Finalmente, manifestou a sua convicção de que ao FITEI vai continuar e, com ele, estreitar-se-ão cada vez com mais força os laços entre «todos nós».

Na LIS-79, com Almada Negreiros

Desenhos de várias partes do Mundo acorreram até nós. Em certame que parece quase votado ao esquecimento. O que se lamenta, até porque se alargaram, em Belém, as portas da nossa convivência com a arte

Manuela de Azevedo

Alguma coisa, mesmo muita coisa, incluindo dinheiro a falta de estruturas, vai deixando ficar pelo caminho muitas das boas intenções dos que vieram depois do 25 de Abril governar o nosso desgoverno. Neste caso estará esta iniciativa de David Mourão-Ferreira que, por proposta de Calhau e outros, se decidiu a criar um concurso (uma bienal) internacional de desenho, iniciativa que qualquer bonita cidadezinha lá de fora já tomou há que anos e que em Portugal aparece pela primeira vez. Será para ficar? Recordo-me de que, na década de 70, um banqueiro de Famalicão organizou a primeira exposição de uma bienal de pintura que finou por aí. Que levou Cupertino de Miranda a desistir?.

Agora, aparece Lis-79 (Lisbon International Show) ou Exposição Internacional de Desenho de Portugal. Mas aparecerá na altura em que estamos na melhor forma eu com a capacidade de nos desempenharmos airosamente da responsabilidade internacional assumida?

A Lis-79 dir-se-la lançada às urtigas, ignorada do grande público, encerrada num tumulo hospitalar todo vestido de branco frio, sem um gabinete de comunicação social a apoiá-lo. Não há cartazes por essa cidade fora, não há setas indicando o caminho de Belém não há mesmo um cartaz à altura do concurso, colocado à porta da exposição que irá fechar sem chegar a dizer que está ali, pelo menos a 1 milhão de portugueses, as de Lisboa e arredores...

De que estou então a queixar-me? De imobilismo, de sabotagem, de falta de dinheiro, de estruturas, de inexperiência, de incapacidade, em suma?

A verdade é que os portugueses e os estrangeiros que acorreram a participar na equipa acreditaram numa capacidade de realização que não tenhos e na qual, afinal, investimos boas soras, por certo.

Já que o espaço é pouco, ficarei, todavia, por aqui, antes de, propriamente, dar uma visão do conjunto deste certo e tal trabalhos em que os nossos artistas mostram não ser ultrapassados pelos estrangeiros nas muitas tendências previstas e imprevistamente propostas. Na verdade, o que pode surpreender com mais razão será a exagerada presença daquilo a que se chama suporte fotográfico, já que na maior parte dos casos o desenho fugidamente interveem com um traço, um apagar de imagem, um contorno de formas. Ha mesmo quem se apresente sem a preocupação de fazer intervir o ponto e a linha nesta exposição de desenho, naturalmente feito de ponto e linha... Aliás, um dos aspectos controversos (que poderá mesmo ter criado divergências entre os membros do juri portugueses e estrangeiros) seria isso mesmo, a proponderancia da fotografia sobre o desenho.

Sobrepondo-se a essa controversia, há, porém, uma realidade que não pode deixar de ser pontuada, e essa é a tendência internacionalizada de fazer intervir a pintura e o desenho na fotografia (ou vice-versa, se pretenderem). Até quando esta recuperação? Até quando esta absorção da máquinas pela pintura e do desenho, que parece impor-se a si próprios, como técnica e linguagem de comunicação directa do homem com a matéria? Não sei se o artista fotografico teria alguma coisa a dizer quanto a esta apropriação...

De resto, Lis-79 é digo mais, muito mais, do que esta divergancia de conceitos, e até pode acontecer que isto de haver defensores do desenho que vêe apenas da arte e do poder criador do artista seja mesquinha questiúncula fin botas-de-elástico... Pode ser. Mas a tragicgem, às vezes, leva a conclusões tão perfeitas que o espectador, diante de um desenho-fotografia poderá dizer, como as senhoras diante de uma flor de plástico, «até parece natural...», ou vice-versa. Enfim, perguntar-se-á se a atenuação, o conceito de que a representação das coisas, e até dos sentimentos, se faz ou não através de linhas, sombra e luz, e representa as formas nascidas na imaginação do artista...

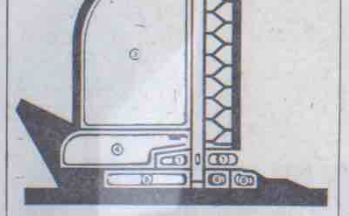
Eu não creio, por isso, que as tendências quase universais impressas nos desenhos da Lis-79 constituam um progresso vanguardista do artista, mas uma demissão deste. Mais curioso me parece a experiência de Maria Helena Almeida ao colar junto das suas foto-desenhos um gravador que no desenrolar da fita magnética faz ouvir o «respirar» do seu desenho, ou seja, o ranger do papel e do lápis. Claro que este arquejar, por vezes quase humano, não tem nada a ver com a pureza das formas desenhadas, mas pode ser uma «inteligência curiosa, a que não falam certos riscos doentios de pesquisa, e digo doentios porque, a medida que se aprofundam, mais desorientam...

Seguindo, aliás, todas as convergências e divergências, Lis-79 abre um leque de práticas e caminhos, desde o clássico ao Neo-Dada, ao Pop-Art, ao mais ou menos fotografia, ao mais ou menos cor, ao mais ou menos forma e abstracto, ao mais ou menos acabadinho ou indefinido vogando no espaço, ao mais ou menos capas de interessar um publico cujos conceitos de arte são inamovíveis...

Pode parecer um pouco snobismo, mas, enfim, sempre temos a nossa bienalzinha. Resta que os muitos milhares de visitantes que foram ver o tumulo da rainha do Egipto e os dragões de Macau se dêem conta de que se alargam em Belém as portas da nossa convivência com o mundo da arte.

Nesse mundo se situa a presença de Almada nesta exposição. Ao menos que o publico em massa acorra a ver esse diabo de génio que aqui nos dá uma panoramica da maior invenção e pureza. Não é por nada. Mas ali sente-se arfar não o desenho, mas o próprio artista.

Artur Rosa apresenta este desenho-fotografia que se intitula Desenhos Aliados que é um exemplo concreto do que pode considerar-se desenho com suporte fotografico



Portugal no Mundo nascerá em Belém

No Monumento dos Descobertas, em Belém, a Camara Municipal de Lisboa vai instalar uma exposição histórica e artística subordinada ao tema «Portugal no Mundo».

Será assim aproveitado o vasto interior do monumento para não instalar um verdadeiro documentário da história nacional nas suas mais variadas expressões, permitindo assim um melhor conhecimento do que foram as relações políticas, sociais, económicas, religiosas e científicas de Portugal com povos de outros continentes.

Tomando como base o nascimento do estado político nos meados do século XII, a definição da nossa fronteira terrestre no tempo de D. Dinis, e o eclodir do sentimento nacional depois da crise de 1383, a exposição vem dar nova luz e salientar o papel fundamental de Lisboa como capital do reino e fulcro de toda a expansão para novos mundos. A descoberta da costa ocidental da Africa, a ligação no Oriente e no Brasil, e o intercambio continental e marítimo são pontos em relevo por meio de um sistema audio-visual baseado nas mais aperfeiçoadas técnicas.

Segundo os seus responsáveis (o plano parte de uma ideia original do vereador Alcide Ferreira, e é coordenado pelo prof. Veríssimo Serrão). O grande objectivo desta exposição é salientar a actuação do homem português nos contactos que estabeleceu com outros povos, criando e desenvolvendo formas de aculturação em que a língua, a miscigenação e o pensamento contribuiram para uma aproximação entre as raças.

A exposição não será apenas destinada a todos os que desejem melhor conhecer a história do seu país, mas servirá também para os estrangeiros, e por isso nos diagramas irão usar-se o inglês, o francês e o alemão, para além do português. Como no próximo ano se comemora o 4.º centenário da morte de Luís de Camões, será também montado, no auditório do Monumento dos Descobertas, um diaporama sobre o poeta, Portugal e o Lisboa do seu tempo, para ser inaugurado no dia 10 de Junho.

SECOS E MOLHADOS

1. Portugal-Noruega

Quando iniciei a rubrica SECOS & MOLHADOS, ficou combinado que seria publicada na página 3 do jornal. Poucas semanas depois foi considerada cultural demais para figurar naquela nobre página política-informativa e SECOS & MOLHADOS mudaram com armas e bagagens para a página 7. Não me queixo. Só que agora ao escrever sobre a bola, recaio que, de futuro, a dupla coluna seja relegada para as páginas desportivas. Se assim for, também não será grande tragédia. O que tanto por vezes escrever, afinal, é uma aposta de relacionar a constante e de variáveis das forças que estão comprometidas na trama da vida colectiva e criativa. O tema? tudo.

Fui, pois, ao desafio Portugal-Noruega, 3-1, já se sabe. O que mais me impressionou foi o jogo feito de um estilo único, do lado norueguês, e a *performance* pode dizer-se de talento superior em todos os aspectos, de Portugal, porém, sem estilo, com pistas luminosas mas curtas, isto é, sem ideologia, com achados sem consequências, de maneira lúcida não inserida em tecido orgânico...

Tudo está em tudo? Foi como se a indefinição no plano nacional se transpusesse para o Estádio Nacional, para a actividade futebolística de uma equipa. A vontade de posse daquele seu reduzido mundo (a bola) manifestava os reflexos do modo cívico de estar agora. Em suma: poucas vezes uma equipa nacional utilizou tão raramente um sistema de criar formas, sem as quais ela, microcosmo de sociedade, numa grande competição, não podia aguentar durante muito tempo.

Daqui a dias, Portugal-Alsácia.

Prometo a mim próprio ir ver. Para corrigir a minha opinião da equipa corrigida.

2. «Hair» multivocal

Não li todas as críticas portuguesas a «Hair», de Milos Forman. Li a crítica de Jorge Leitão Ramos no «Diario de Lisboa», consultei a do Rui Cádima no «Expresso» e o título significativo «Hair sem filhos», recortei o texto de Salvato Telles de Menezes de «Diários», senti mais perto do filme Luís de Pina no «Dias» e, sobretudo, Jorge Barata Preto em «O Jornal».

Só os dois últimos previeram que «Hair» não é apenas a tentativa de restauração da comédia musical *made in USA*, mas um filme formanianho. Diria mais, como diz Monsieur Dupont: formaniano e intrinsecamente pessoal.

Formaniano, porque se relaciona com toda a filmologia, desde os filmes «pobres» produzidos ainda na Checoslováquia: o tranquilo sentido de humor, a ironia dolorosa que desagua em ternura desarmada, a observação minuciosa, a aparente objectividade comentada através da montagem.

Pessoal, porém, e aqui com mais força: o seu herói, Claude Bukowski (nome eslavo), chega a Nova Iorque como *estranjeiro*. Estranjeiro, intruso loiro, surpreendido, deslumbrado por outra civilização, mas manhoso, fechado, taciturno, de certo modo resistente, único lírico de toda a banda. Bukowski — um outro.

Basta bem observar as duas primeiras sequências da fita. A primeira, estática: a casa natal de Claude Bukowski, romantizada, embrumada. Casa algures na América? Antes a casa algures, aqueles: e sempre do *outro lado* do «Hair». A segunda sequência, alias filmada em panoramica fascinante, raramente vista, o jovem acompanhado pelo pai à partida, esperando o autocarro que o leva para um mundo diferente com 50 dólares no bolso.

O adeus e a casa sonhada... Ia não totalmente real, dada através da névoa, sinaliza, desde o princípio, que, além de «Hair», Forman filmou o seu encontro com a América e a sua despedida do passado. Ida, relação adensa o filme durante as duas horas de projecção e alarga os contactos visuais e invisíveis com o público.

3. Não só de colóquio vive a literatura

Li com interesse um dos diálogos que o jornal «Portugal Hoje» publicou com o antigo embaixador de Portugal em Paris, dr. Colombra Martins. Assunto: a presença de Portugal em França. Mas, como é notório, António Coimbra Martins não era apenas diplomata, mas é tam bem intelectual, atento às culturas portuguesas e francesa. Assim, fiquei surpreendido com o que dizia numa passagem: «É preciso ver [illegible] lamentavelmente, [illegible] nível de um Portugal, a parte das duas revistas editadas pela Fundação, um único periódico de letras e artes.»

Embora a situação seja deveras, se não «lamentável», pelo menos algo melancólica, obrigado por não haver um semanário ou quinzenário de artes e letras — e já houve —, em todo o caso os periódicos literários e artísticos não se reduzem aos «Colóquios» dignos de todos os merecimentos.

Isto dá-me pretexto de informar que saiu precisamente o 2.º número da revista «SEMA» que promete publicar 4 números anuais. O 2.º número é amadurecido na alta inconformidade lucida, mais definitivo do que o primeiro. E vende-se, sobe, como o iogurte Yoplait. A radar, os autores que escrevem em ambas, no «Colóquio» e na «Sema», esta espécie de anti-Colóquio, tais dr. Jeckyll e Mr. Hyde.

«Loreta 12», revista da Associação Portuguesa dos Escritores, é outra publicação cujo último número promete a regularidade da saída e concretiza-se nos mais largos.

«Pendor», magazine frenético (sic) publicou em Junho passado o seu primeiro número. Os fãs esperam o seguinte.

Também de «Colóquio» chega outra revista, puramente literária, «Cadernos de Literaturas», publicada pelo Centro de Literatura Portuguesa da Universidade local. E seria justo não esquecer «Vértice» que diaristamente existe, enquanto que a Broteria não a tenho visto há muito tempo. A culpa pode ser minha. E creio que a empresa que publica este jornal edita este «Noticias do Livro» com regularidade. E para não esquecer: do Porto chega «Persona», revista pessoalmente mas não só.

Além destas, existem várias outras publicações culturais, cadernos e folhas especializadas de artes plásticas (como, pelo menos, três), de cinema, e, ultimamente, o Centro de Documentos de Arte Actual iniciou a publicação da folha «Artas».

A informação incompleta está dada.

4. «Ida» de Gertrude Stein

Todas as noites, antes de apagar a luz, leio as minhas últimas páginas do dia. Leio o livro impensavelmente belo, leio a sua música, a imaginação cria qualquer a sua interpretação ontologica, a poesia como armadilha da existência, a simplicidade complexa, a fisiologia atenta, o discurso projectado pela máquina lavada da paixão das palavras que são corpos.

Todas as noites entro na boa qualidade do sono e do sonho com «Ida», da grande Gertrude Stein, há pouco editada pela Ulisseia, numa bela tradução de Ricardo Alberty. Ida é a Alice do País das Maravilhas que cresceu.

Tenham paciência: leiam comigo uma página ou qualquer sai guardem para a noite, antes de apagar a luz:

«Começou a pensar no que aconteceria se casasse.

Quando saiu de Connecticut começou a ligar importância a um homem, era oficial do exército. Chamava-se Sam Hamlin. Era um Sam Hamlin muito vivo. Disse que se Ida casado, podia divorciar-se. Era natural de Connecticut e continuava em Connecticut. Disse que é a maneira de deixar Connecticut era sair de Connecticut. Mas nunca saiu. Se deixar Connecticut podia ir parar a Washington, ou talvez a Utah e Idaho, e se fosse podia perder-la. Era assim que ele falava de Connecticut.

Ate poucos muito aos poucos disse tudo a Ida. Disse eu sei, e disse quando eu digo que sei, sei muito bem que é assim. Eu gosto, disse ele a Ida, gosto dizer tudo quanto digo em voz alta.

Disse eu sei. Disse eu sei quem você é, e não o disse apenas a Ida mas disse apenas a Ida mas disse-lhe a Ida. Ida disse ele como disse ele sabia quem era Ida. Um dia disse a Ida é tão bom ouvir música assim.

Contou-lhe que em tempos tinha sido casado e disse-lhe. Agora escute. Em tempos fui casado, mas na hora em que você veio para Connecticut não era. Agora você diz que vai deixar Connecticut. A única maneira de deixar Connecticut é sair de Connecticut, e eu não vou sair de Connecticut. Disse ele, eu não vou sair de Connecticut. Sou oficial do exército e claro que haver ainda vinte anos para me manterem para fora de Connecticut teto é para Massachusets e Rhode Island e New Hampshire e Vermont e Maine mas eu vou ficar em Connecticut, quer quelram quer não vou ficar.

Ida deixou Connecticut e foi a primeira vez que pensou em casar.»

Jorge Listopad